



Obras de contenção ajudaram a reduzir quedas de barreiras

A vez do morro

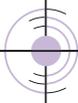
Monitoramento das encostas do Recife consegue, há quatro verões, prevenir mortes em deslizamentos no período de chuvas



Quando o céu do Recife começa a escurecer, tingido por nuvens cinzentas, as 470 mil pessoas que habitam as encostas da cidade ficam apreensivas. Elas guardam na memória os traumáticos deslizamentos de 1990, que mataram 39 pessoas, e os de 1996, em que 46 recifenses morreram soterrados por avalanches de lama. A última tragédia ocorreu em 2000, com 11 mortes. Felizmente, há quatro verões as enxurradas tornaram-se muito me-

nos letais. Em 2001 e 2002, houve deslizamentos, mas nenhuma morte. Em 2003, um rapaz morreu soterrado. Toda a sua família havia sido removida do barraco prestes a desabar, mas ele resolveu voltar para resgatar o cachorro. Nas chuvas do verão de 2004, as mais violentas dos últimos 40 anos, caíram mais de 70 barreiras, mas não houve mortes.

As tempestades já não representam perigo. Isso se deve a um programa da prefeitura do Recife, implantado



em 2001, que monitora permanentemente 199 localidades das encostas, entre elas os 72 pontos considerados de risco crítico. É o Programa Guarda-Chuva, articulado pela Comissão de Defesa Civil do Recife (Codecir), que instalou cinco unidades nos morros para fiscalizar de perto as áreas de risco e atender rapidamente a população. As operações de campo contam com técnicos, engenheiros civis e geólogos. O número de profissionais triplicou nos últimos três anos. São 179 funcionários em dias de tempo bom, podendo chegar a 250 nos períodos de chuvas intensas. Eles trabalham em turnos, para garantir o acompanhamento 24 horas por dia.



As encostas do Recife, suas casas e obras de saneamento, no desenho de um pequeno morador

Ação rápida – Uma vez identificado o perigo, os moradores são imediatamente retirados das áreas de risco e levados para abrigos – há 19 em funcionamento. Cada abrigo chegou a receber mais de 300 pessoas nas chuvas de 2003 – por isso, o número de mortes despencou. As encostas mais encharcadas são cobertas por lonas plásticas, numa tentativa de evitar os deslizamentos. “Nas violentas chuvas deste ano, nosso trabalho de defesa civil foi posto à prova e funcionou”, diz o pre-

feito João Paulo, do PT, que chegou a decretar estado de alerta na cidade em fevereiro. “Temos em mãos um mapeamento de todas as casas em áreas de risco”, afirma João Paulo. “Quando o solo encharca e surgem riscos de desabamento, evacuamos rapidamente os locais em perigo.”



Os ônibus de informática ensinam os jovens a lidar com computadores

Nos meses em que a chuva dá tréguas, o trabalho é de prevenção, para evitar a construção de novas casas nessas áreas. A Codecir fixa placas proibindo a ocupação de terrenos que representem perigo iminente e chama a comunidade para participar da fiscalização, alertando as autoridades sobre ocupações. Atualmente, existem cerca de mil placas de interdição em vários pontos da cidade. “Os deslizamentos são o resultado de décadas de ocupação desordenada da região metropolitana do Recife”, diz Nina Celeste Macário, diretora do Codecir. “Finalmente, a prefeitura está enfrentando o problema para valer.”

As famílias removidas ficam em abrigos apenas provisoriamente. Quando o perigo passa, são autorizadas a voltar para as casas. Mas, se o risco de desabamento persiste, as moradias precárias são demolidas e reconstruídas – no mesmo lugar, se possível, ou em outro local. Durante o período da construção, as famílias recebem R\$ 151 mensais do Programa Auxílio-Moradia, para poder pagar um aluguel. Também são integradas ao programa Bolsa-Escola. Recebem cerca de R\$ 100, desde que cumpram a exigên-

cia de manter os filhos estudando, apesar da eventual distância entre a escola e a residência provisória. O número de beneficiados pelo Auxílio-Moradia saltou de 1.504 famílias, em 2001, para 3.656, em 2003.

Apoio técnico – Maria Jacy Alves da Silva, de 52 anos, casada, seis filhos e sete netos, vive há 28 anos em uma pequena casa ao lado da praça do Morro da Conceição, onde se tem uma visão privilegiada do Recife. Ela mora com oito familiares no imóvel, que estava quase em ruínas. O telhado estava avariado e as paredes, trincadas. Maria Jacy não tinha condições de fazer a reforma. “Descobri o Programa Auxílio-Moradia através de uma vizinha”, conta. Um engenheiro da Codecir vistoriou o imóvel e decidiu-se pela demolição parcial. A casa foi reconstruída de forma adequada. “A distribuição dos cômodos não é a mesma, mas agora eu durmo sossega-

da”, diz ela. Para garantir que o Programa Guarda-Chuva se torne permanente, discute-se sua inclusão no Plano Diretor da cidade para os próximos dez anos.

O programa é multidisciplinar. Envolve, por exemplo, os agentes comunitários de saúde, que visitam as casas e ajudam a identificar riscos. A ação da prefeitura não se limita à defesa civil. Agrega, entre outras coisas, o projeto Altas Artes, que leva atividades artísticas aos morros por meio de oficinas. O objetivo é melhorar a qualidade de vida, preservar o meio ambiente e construir uma consciência coletiva na população. O projeto Altas Artes envolve os jovens em atividades como oficinas de mosaico nas escadarias, grafiteagem em muros de arrimo, teatro de bonecos, fotografia e percussão. Cada oficina tem um professor, que transforma esses alunos em agentes multiplicadores de informação. Mais tarde, os jovens recebem um registro profissional.

“O Altas Artes trabalha a sensibilização dos moradores, motivando-os a cuidar da área e a manter o que foi feito”, diz Nina Macário, da Codecir. Não é o único projeto da prefeitura a envolver jovens em atividades profissionalizantes. Seis ônibus de informática, equipados com computadores, vêm ministrando cursos gratuitos e promovendo a democratização do conhecimento. Já formaram 7 mil alunos, agora qualificados para trabalhar em ambientes informatizados.

Nova praia – O Auxílio-Moradia também atende famílias removidas de palafitas. “É um programa extremamente vitorioso, porque previne tragédias e melhora a qualidade de vida das pessoas”, diz o prefeito João Paulo. O cartão-postal dessa mudança é a transformação do bairro Brasília Teimosa, uma das mais famosas e antigas favelas do país, vizinha ao bairro de Boa Viagem, de classe média. Cerca de 560 famílias que viviam em barracos de madeira sobre o mar estão sendo transferidas para casas de alvenaria.

O nome do bairro foi uma homenagem feita no início dos anos 60 à nova capital do país e também uma referência à teimosia dos moradores em não arrear pé dali. A princípio, era uma aldeia de pescadores, que foi ameaçada de remoção na década de 30 para a construção de um aeroclube. Os moradores resistiram ao despejo e continuaram. O bairro de palafitas também sofreu dois trágicos incêndios, mas conseguiu recompor-se em seguida.

Graças ao programa Recife sem Palafitas, os barracos de madeira estão sumindo e, no lugar, desponta uma avenida de 1,3 quilômetro de extensão. Os moradores finalmente conquistam uma moradia digna. E o Recife ganha uma nova praia, antes oculta sob os barracos de madeira.

João Otta, do Recife

Adeus, caranguejos

Rivaldo Roverlan da Silva, de 45 anos, casado, quatro filhos, tem lembranças amargas do tempo em que morava com outras 18 famílias na Vila dos Morcegos, embaixo da Ponte do Limoeiro, no Recife. As crianças, ao voltar da escola, precisavam esperar até a maré baixar para entrar em casa. Os adultos nadavam ou utilizavam pequenos barcos, quando voltavam

do serviço. “A gente não vivia, vegetava”, lembra-se Rivaldo. “As crianças não tinham lugar para brincar. Havia um alcapão, e só desciam quando a maré estava baixa. Eu achava que aquela condição era um castigo divino.” As 18 famílias foram removidas de lá. Rivaldo, a mulher e os filhos hoje estão numa casa alugada, graças a uma ajuda de R\$ 210 mensais de um programa da prefeitura, o Operação-Trabalho. Estão ansiosos pela mudança para o conjunto residencial que o pai ajuda a construir, na Vila 14, no bairro Santo Amaro. As casas, em fase de conclusão, têm dois quartos, sala, cozinha, banheiro, uma pequena área de serviço e uma grande área comum de lazer. Embaixo da ponte, em meio aos caranguejos, nunca mais.



João Otta